

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

ENTREVISTA COM WALCIR HERMÍNIO REZENDE

Entrevista concedida ao Projeto
“ Universidade Regional de Blumenau
e sua História”, em 14/06/99
Entrevistadores: Balbino S. Rocha
Clarice Ehmke
Andréia Ferretti

**BLUMENAU
1999**

W.H.R.: Walcir Hermínio Rezende

B.S.R.: Balbino Simor Rocha

A .F.: Andréia Ferretti

C.E.: Clarice Ehmke

B.S.R.: De onde você veio, quando é que você entrou na universidade ...?

W.H.R.: Bom, meu nome é Walcir Hermínio Rezende, mais conhecido aqui dentro da FURB e fora dela também por Teixeira. Vim de Rio do Campo, de onde sou natural, que fica no Alto Vale. Entrei na FURB em 3 de janeiro de 1984 para trabalhar como pedreiro, por causa das enchentes de 83 que atingia FURB e aqui em baixo os Blocos F e G e E e D que descolou toda aquela parte de tacos, na época ainda foi o NPD e a Divisão Acadêmica, acho que também foram atingidos. E eu tinha dois irmão que faziam Educação Física, e como trabalhava de pedreiro em Rio do Campo me buscaram para trabalhar como pedreiro, entrei aqui para trabalhar só dois meses como contratado. Na época o falecido Armim que era o chefe da Divisão do Campus, me registrou direto e eu fiquei. Trabalhei 6 meses como pedreiro, depois trabalhei no Serviços Gerais, na época eu fazia toda a manutenção da FURB sozinho: trocar vidro, trilho, cortina, consertar fechadura depois fui para o escritório do DAC. Quando o professor Armim saiu e o Carlos assumiu, trabalhei no DAC até 1990 cuidando da parte onde o Osvaldo trabalha hoje, no caso, na parte dos motoristas, servente e toda manutenção. E em 90 me formei na faculdade, em Ciências Contábeis, e fui trabalhar como contador, na época o Osmar que era o contador pediu demissão e fui trabalhar como contador e estou na contabilidade desde 1990. Assumi a contabilidade logo, recém formado, não tinha muita experiência, mas fui adquirindo com o tempo e estou até hoje ali. Fiz 15 anos de FURB, em janeiro deste ano.

B.S.R.: E como é que era o trabalho nessa época do seu Armim?

W.H.R.: Era bem divertido, ele sempre foi uma pessoa boa, ele tinha um lado, vamos dizer "kri-kri" no serviço e tinha o lado muito bom dele que era em festa. E ele era o responsável por todos as festas, que na época dele aqui no DAC isso dava cada festa na cantina principalmente, o DAC, que na época era um setor muito grande, só para ter uma idéia, jardineiro nós tínhamos 7, 8, acho que hoje não tem essa quantidade. Nós fazíamos muita festa, era todo mês uma festa na cantina, depois construímos o "Chapéu de Palha", e lá se abriu uma lanchonete, colocou-se uma pessoa só para atender os funcionários. As festas nossas do DAC era com pessoal mais simples, era muito divertido, e ao longo do tempo notasse que as festas da FURB viraram bloquinhos, é um setor num bloquinho, outro setor no outro, e naquela época do Armim, a festa era mais setor mesmo. a cantina era de responsabilidade da FURB, na época, e o DAC que administrava até 1990, quando o professor Celso assumiu e terceirizou a cantina e também o Fotocopy. Nesta época tinha muita integração entre campeonatos, existia muitos campeonatos de futebol suíço, futebol de salão, hoje a gente como diretoria da ASEF estamos tentando reativar, começamos com alguns campeonatos, que estava esquecido. E as festas da FURB, hoje até que está tendo acesso grande, mas já tiveram bem mais esvaziado, em torno de 92, 93. Fazia-se uma festa e para colocar 150 pessoas, era difícil, isso na época do falecido Armim nós colocávamos nas festas do DAC.

B.S.R.: E porque que o funcionário não vai?

W.H.R.: Não sei Balbino, Um pouco é porque o pessoal pensam que as festas estão mais elitizadas, podes ver que a maioria do pessoal do DAC, principalmente os homens, não se vê nessas festas grandes, nesses bailes que foram promovidos, talvez por vergonha, ou por não se sentirem bem ali dentro. e na época que era aquelas festas

internas que o Armim fazia, ali como diz valia tudo, era bagunça mesmo: tocada gaita, não tinha som mecânico, era um gaiteiro, um violão par animar.

B.S.R.: Não seria, talvez, quando essas festas começaram a serem feitas fora, começou a se exigir, não a se exigir, mas as pessoas acharam que passou a se exigir mais, não o comportamento, mas de se vestir, de...

W.H.R.: É, talvez o pessoal não se sinta bem, não saiba como se servir, como se comportar, ou com que roupa ir, não conhece.

B.S.R.: Nem gosta.

W.H.R.: É, nem sabe onde que é, por exemplo as vezes se fala: Vamos fazer uma festa no Ipiranga, talvez nunca entraram no salão do Ipiranga, nem sabem. Era diferente quando se falava, "vamos fazer uma festa na cantina, todo mundo dançava com todo mundo, quer dizer, hoje em dia para ti ver uma pessoa do escritório dançando com uma servente é difícil, e naquela época era a coisa mais normal. Principalmente com as mulheres da cantina que eram o pessoal mais alegre, era normal ver, o Mário, o Erasmo com elas, o dia que tu entrevistar o Erasmo ele vai falar sobre isso, era festa mesmo de todo mundo dançar junto. como só tinha o Chapéu de Palha que falavam, então as festas da FURB eram feitas na quadra, não existia o Ginásio ainda, era uma quadra de cimento, nós fazíamos um coberto de lona, e ali era festa e dançávamos no piso, era muito divertido. tinha festa de São João promovidas pela FURB, Hoje em dia, quem está assumindo a responsabilidade é a ASEF, porque talvez se tirasse a ASEF e APROF e hoje o sindicato também, talvez muitas dessas festas que tem durante o ano não teria mais, por que? Porque a FURB também não promoveria. E na época não existia nada disso, não tinha ASEF, a ASEF foi criada em 86 se não me engano, em 86, 85, só que ela não tinha renda para fazer festa, então o que a ASEF cuida na época, a ASEF e APROF cuidava de negociações salariais que era de responsabilidade delas,

hoje é do sindicato, que na época não existia, então quem promovia as grandes festas de fim de ano era a FURB, uns 6, 7 anos atrás é que a ASEF e APROF promoveram, A FURB começou a cobrar isso que a ASEF e APROF começara a se juntar para pagar essas festas, tanto que daí quem começou a patrocinar era a ASEF e APROF, claro, a FURB também ajuda, mas eu digo talvez se não tivesse essas duas patrocinando.

B.S. R. : A maioria das coisas não aconteceriam.

W.H.R. : É e na época acontecia, o seu Vicente da Divisão Acadêmica que trabalhava conosco, que fazia feijoada, o homem era bom nisto, de vez em quando uma festa assim sem motivo, ou por exemplo quando dava o vestibular, até pouquinho tempo também se fazia aquelas churrascadas para os fiscais. Até um dia o seu Vicente fez uma feijoada lá e o pessoal em vez de jogar sal dentro da feijoada jogaram açúcar, por engano deu um rolo, mas era assim quase normal ter uma integração. E hoje em dia tudo é pouco, tanto que na construção ali da sede, podes ir lá à noite, é difícil encontrar associado lá, o que tem lá é aluno, a maioria do pessoal não vai. É da casa para o serviço e do serviço para casa ou pra outros lugares, mas não aqui dentro da FURB. E para gente fazer uma festa, mesmo, fizemos aquele baile perto daquele supermercado do Vitória.

B.S.R. : O Lira

W.H.R. : Do Lira é. De cento e poucas pessoas, do universo de mil quase que tem a FURB, 10%, e isso ainda porque muita gente levou acompanhante. E na época não, era festa mesmo, do número de funcionários que tinha, aquela cantina ali lotava, nós fazíamos muito na cantina, porque não existia o Chapéu de Palha, tanto que eu fui um dos que ajudei a construir o Chapéu de Palha, na época que eu entrei na FURB em 84.

B.S.R. : Onde é o Paiol.

W.H.R. : É, na época a gente chamava Chapéu de Palha, hoje onde é a sede.

B.S.R.: Onde é o ginásio.

W.H.R.: É, onde é o ginásio agora. Era uma quadra de futebol de cimento, aí foi destruída a quadra e do lado era o paiol. Destruíram o paiol também e deram uma parte para ASEF e PROF, que é a parte dos fundos ali onde é a sede hoje. Então ali também fizemos algumas festas.

B.S.R.: E não colabora para esse distanciamento, essa divisão entre professores e trabalhadores, na verdade todos são trabalhadores da universidade. Mas essa diferença que se faz entre professores e servidores?

W.H.R.: Um pouco, porque se analisar ao longo do tempo as festas da FURB, ela foi basicamente, o servidor, o técnico administrativo, o professor, hoje ainda tem mais, na época era mais horista ainda, tinha menos tempo integral então ele não tinha muito envolvimento aqui, era um profissional liberal que vinha aqui dar as suas 4 horas. Hoje tem mais gente envolvida, tem mais tempo integral, tem mais horista, os que tinham cargo iam na festa, o restante era tudo técnico administrativo. Agora até está aumentando mais podes ver que a maioria dos participantes das festas é técnico administrativo, eles são quem movimenta essas festas. Se tirar eles basicamente as festas se acabariam. Estão aqui o dia todo, a maioria do pessoal passa 12, 13, 14 horas aqui dentro, e tem aqueles que estudam, passam mais tempo ainda. Eu acho que existe uma certa diferença, essa barreira entre o professor e o servidor. Isso existe!! Tanto que eu já vi gente falando no Conselho de Administração, quando um professor falou que nós somos todos servidores, teve uma ala lá que disse "não senhor, eu sou professor, não sou servidor." Então quer dizer, existe uma certa barreira. A gente já tentou conversar que existe uma carreira que vai se fortalecer, mês que vem provavelmente, de unificar, porque não tem sentido essas duas associações, se unificar o nome teria que ficar ASEF, Associação dos Servidores da FURB, nada mais somos que servidores,

essa barreira existe com certeza, uma barreira, uma certa resistência. "Não, eu sou professor, não sou servidor".

B.S.R.: É professor, não trabalhador.

W.H.R.: É, sou professor, não servidor.

B.S.R.: E como é que foi essa coisa, vamos mudar um pouquinho. De vir de Rio do Campo, uma cidade pequena, interior, mais interior do que onde estamos. Chegou em Blumenau, que idade tinhas...

W.H.R.: Eu saí do Rio do Campo, vim aqui no final de 83, comecei a trabalhar em 84. Eu tinha na época 20 anos quando eu vim para cá. em Rio do Campo comecei a trabalhar como pedreiro, porque eu perdi o meu pai aos 11 anos, e aos 13 anos eu já era servente de pedreiro, o tempo todo que eu trabalhei de pedreiro, eu continuei estudando me formei no 2º grau com 17 anos. Terminei o 2º grau em Rio do Campo. nós conseguimos uma turma especial na 7ª série à noite, coisa que não existia no estado em lugar nenhum. E nós conseguimos com a secretaria da educação, por ser área rural, e eu por exemplo, tinha que trabalhar para sustentar a minha mãe, somos em 7 irmãos. O mais velho na época tinha 15 anos quando pai faleceu. E eu me formei no 2º grau com 17 anos. Com 18 anos eu fui para Florianópolis trabalhar num banco. Eu passei num concurso na época do Banco Sul Brasileiro, que hoje é o Meridional, só que o salário era tão pouco que eu resolvi voltar para o Rio do Campo, trabalhei de pedreiro porque lá ganhava bem mais. E quando eles vieram me buscar, para ser sincero eu não queria vir, porque já tinha dado uma cabeçada numa cidade. E quando você retorna de uma cidade grande para o interior é difícil se acostumar, você que mora no interior, não tem o que acostumar, vive aquilo ali e só vai estranhar na medida que morar um tempo fora, que se não aquilo ali para ti esta bom, vamos dizer, aquela discotecazinha que tem só Sábado e Domingo, ou baile, e não tem mais muita diversão. Rio do Campo não existia

Cinema, até hoje não existe, não tem um cinema. E para mim não foi muito difícil me acostumar aqui. Porque eu já tinha dois irmãos que moravam aqui e tinha mais dois colegas nossos que também eram de Rio do Campo, também moravam aqui. Mesmo assim, não queria vir, queria ficar em Rio do Campo, mas vim e como já era formado no 2º grau, um dia a professora Gertrudes Knigs de Medeiros, eu estava fazendo um serviço na sala dela, ela era pró-reitora, e ela pediu para mim, "porque você não estuda? Porque tu não faz o 2º grau?" eu disse não, mas tenho o 2º grau. Ela disse "Então porque você não faz uma faculdade, eu tinha estudado até o 2º grau por obrigação, bem dizer, para não fazer uma desfeita para minha mãe, ela que queria, tem que estudar. Eu disse: "Tá bom, vou fazer, mas quando acabar o 2º grau não estudo mais, mesmo porque em Rio do Campo não tem mais nada para estudar. Aí vim para cá, e ela me disse e botei na cabeça, "vou fazer o vestibular", fiz o vestibular e na época eu não passei. Eu fiquei assim em 3º ou 4º na espera, como desistiram alguns candidatos, eu até fui falar um dia com o falecido Mário Visintainer, era o responsável pela Divisão Acadêmica, ele disse "não, vai desistir provavelmente desiste esse número." Ele me chamou para fazer a matrícula, eu fiz a faculdade em quatro anos e meio também. Trabalhava de pedreiro na FURB e estudava à noite. Trabalhava de pedreiro e depois nos serviços gerais, e estudava. Quantas vezes eu estudando trocava a lâmpada durante a aula. eu pedia para o professor, botava uma cadeira em cima da mesa e subia. Eu estava no 2º ano de faculdade quando eu fui para o escritório, trabalhar num serviço mais leve, se não era, trocando trilho, cortina, vidro, nós andávamos trocando vidro nesses andares altos aí. Agora para acostumar não foi difícil não, porque eu já tinha experiência fora, e aqui é como eu disse, a amizade foi fácil para arrumar na FURB. Fiquei amigo do Osvaldo que na época chamava-mos de Vadinho o Toni, que hoje está de novo na FURB, existiam vários, o Isafas, filho do seu Pedro que hoje não está mais aí, tinha

várias pessoas, o próprio Armim. Eu morava perto da casa do falecido Armim. Então quase toda noite nós se encontrava, tomava cerveja, mas era sentar num bar ou numa lanchonete que tivesse o Armim e o Braúlio e o Afonso, o assunto era só FURB. Só FURB, só FURB, os 3 só falavam em FURB. Isso era sagrado. E foi na época do Armim que se construiu essa frente a FURB, ele que teve essa idéia aí, tanto que na época que foi construída aqui, também Brasília estava construindo a Trans-Amazônica, e aí eles diziam que essa aqui era a Trans-Armim, que ele que meteu máquina desde lá de baixo, que a frente era toda diferente, não sei se vocês chegaram a ver foto. Ele que teve essa idéia...

B.S.R.: Antônio da Veiga.

W.H.R.: Não, essa rua aqui, frente da FURB, porque isso aqui não existia, era um morro só...

B.S.R.: Qual a rua que você es falando, a Antônio da Veiga ou a ..

W.H.R.: Não, essa rua aqui paralela, é a trans-Armin era essa interna aqui, que é porque ele que botou máquina de esteira aí e abriu, não existia essa rua, a idéia foi dele de mudar a frente, ele abriu, foi feito aquele painel, que foram os dois irmãos meus que ajudaram a fazer, que quem fez foi aquele argentino, não me lembro o nome dele, também fez aquele da biblioteca, a aquele eu ajudei a fazer. Nós trabalhava lá no IPT, fazia com argila e ele fazia o desenho e nós montava, e cortamos e montamos aqui, mas ele que desenhou, não lembro o nome dele, isso na época. E agora para acostumar foi fácil, e logo também a gente se entrosou e tinha amizade, porque como eu digo, na época o DAC tinha bastante funcionário braçal, porque foi na época que foi construído o campo. Então não existia o campo, eu cheguei quando o campo tinha sido terminado ali em cima, isso aqui para cima era tudo mato, não existia nada, para chegar no complexo tínhamos que pegar uma picada aqui do lado do hotel, hoje Hotel Estevão,

que na época não era, então aqui era tudo mato aqui para cima, foi desmatado depois quando começaram a construir o bloco R e T e a Biblioteca. Também foi o professor Arlindo que construiu e foi aberto ali atrás também. Mas foi bom, da FURB foi bom, sempre foi bom trabalhar, eu até hoje não tenho reclamação eu também tenho que agradecer que graças a Deus me dei bem na FURB, claro que eu caprichei, eu entrei de pedreiro para hoje estar como contador, quase 9 anos como contador, chefe de Divisão, desde aquela época, desde de 91, na época era seção na gestão do Prof. Celso virou divisão e não tenho o que reclamar da FURB.

B.S.R.: E aí você veio para Blumenau. Tu tinhas dois irmãos e foi morar com eles...

W.H. R.: Sim

B.S.R.: Moravam em república?

W.H.R.: Não, nós alugamos uma, uma casa na Velha, a casa do Afonso Heimer, que era o chefe do RH da FURB, nós três alugamos e mais um rapaz de Jaraguá e outro rapaz nem sei de onde é que era, morávamos em 5. Meus irmãos moravam numa pensão com esses dois, moramos dois anos depois ganhamos um apartamento na Alameda, depois do Olímpico, numa rua sem saída, tinha um senhor de Rio do Campo que comprou um apartamento para duas filhas dele que estudavam aqui e um primo delas, mais um sobrinho dele. Só que era um apartamento no porão e tinha muita umidade, elas não quiseram e ele deu para nós. Para dar uma reformada no piso e pintar e na instalação elétrica. Nós moramos ali dois anos de graça, depois nos espalhamos, um irmão casou, outro se formou e voltou para Rio do Campo, um foi para um lado outro foi para o outro. Depois veio o Devair que era o outro que trabalha comigo na contabilidade, é primo meu, também veio de Rio do Campo, levou um pouco de sorte a gente deu uma ajuda, mas também veio formado do 2º grau, entrou como jardineiro,

hoje também está lá na contabilidade comigo, e foi fácil porque a gente também vai pegando o conhecimento e a amizade. E depois também em 91 me casei.

B.S.R.: Como é que é o nome da tua esposa?

W.H.R.: Rosângela Pereira Rezende. Também graças a Deus antes de casar, comprei uma casa naquele sistema de consórcio, que queira ou não queira deu calote em muita gente, como é que era o nome, não me lembro o nome do consórcio. Era ali na frente do Carlos Gomes, mas graças a Deus levei sorte, para min pagaram direitinho, comprei a casa, e quando eu casei já tinha casa tudo certinho, não paguei mais aluguel, um ano antes de eu casar eu já tinha a minha casa. Eu fui economizando e comprei, era uma casinha pequena, hoje até reformei toda, mas pelo menos não pagava aluguel, porque o salário da FURB naquela época não era um dos melhores salários, e hoje não podemos reclamar, na minha opinião, o funcionário da FURB hoje ganha bem, é claro que nunca está como a gente queria, mas naquela época era pouco, tanto que eu fui várias vezes, em várias empresas para tentar arrumar emprego, para mudar, sair da FURB, ir para outro, mas também só depois que eu me formei que eu peguei experiência. Então não tinha experiência na minha área, na área contábil, e quando surgiu a vaga aqui, não saí mais, porque não compensava mais. O meu salário melhorou. Hoje, eu acho que o salário também é bom que é o assistente administrativo, naquela época não era aquilo tudo. Quando eu trabalhava no escritório o salário, era ali, para viver e sobrar um pouquinho.

B.S.R.: É, a gente vê entre as servente terceirizadas e as que são da universidade.

W.H.R.: Justamente.

B.S.R.: A diferença que existe é muito grande, duas ou três vezes os salário.

W.H.R.: É, então isso foi uma conquista. Eu digo até pelo sindicato que conseguiu grandes coisas, primeiro nós dependíamos também do sindicato das escolas particulares

que era em Florianópolis, eles às vezes decidiam o decídio e nós tínhamos que aceitar, até a época que a ASEF e APROF começaram a negociar isso, mas também não faz tanto tempo assim.

B.S.R.: Tivesses filhos, não?

W.H.R.: Tenho, tenho duas filhas. Ana Luiza, tem 7 anos, E a Rafaela que tem 2 anos. Duas meninas, e por enquanto não pretendo ter mais, pela dificuldade que se têm para criar um filho. Hoje eu tenho a Ana num colégio particular e a gente já sente que não é fácil, eu ia colocar ela num colégio público, mas eu queria assim, tipo um "Machado de Assis" se conseguisse, mas não consegui e lá perto de onde eu moro, os colégios, eu não posso nem opinar se é bom ou ruim, mas existe aquela má fama então preferi, colocar ela no Barão. É, além do estudo, é uniforme é material, não é pouco que se gasta com filho e logo depois vem a outra, vai ter que colocar, então por enquanto não pretendo mais Ter filhos. Não dá para ter como meu pai que tinha 7 filhos, como morreu cedo a minha mãe que teve a incumbência de criar. E hoje não podemos reclamar, tem eu na FURB, tem meu outro irmão que trabalha na ACECREMER como professor uns 14 anos, tem outro que é gerente do BESC em Jaraguá, outro que é professor do Estado e Município lá em Rio do Campo e as minhas outras duas irmãs são casadas, é professora e outra é casada com fiscal de mercadoria em trânsito no estado, ela não trabalha. E eu tenho um irmão que é deficiente, teve meningite quando tinha um ano e pouco, ele é dois anos mais velho que eu e mora com a mãe, lá no Rio do Campo.

B.S.R.: Ela continua morando lá.

W.H.R.: A mãe sim. A mãe não sai de lá, ela vem para cá, fica dois dias, mas no máximo no terceiro tem que voltar.

B.S.R.: Legal. E como era o trabalho, quando eu estou falando de trabalho é nas dificuldades que se tinha em realizar o trabalho, não só na relação com a chefia, mas

com os próprios colegas, coisa e tal, a compra de material, ou se havia alguém que ensinava, ou, enfim se tinha alguém para dizer o que era prioridade o que não era, a assim por diante.

W.H.R.: Olha, naquela época que eu trabalhei ali, falar que começamos a pedir material para mim, foi a época que eu entrei no escritório. E era tudo manual, o máximo que tinha no setor era uma máquina manual, depois eu ganhei uma elétrica, mas senão era máquina manual ainda. As prioridades eram discutidas, e era decidido na época com o Superintendente de Administração que decidia essa parte, o serviço era bem mais duro, bem mais trabalhoso que hoje, o computador facilitou muito. Na época era tudo manual, o que não era manuscrito, era datilografado. Para conferir o material, era também tudo manual. O serviço mais pesado que eu trabalhei foi quando nós começamos a colar tacos aqui em baixo nas salas, que foi na enchente de 83. E o que que nós fizemos? Nós tínhamos que aproveitar todos os tacos, só que os tacos eram colados com pinche, que era uma cola preta, e a única idéia que nos veio na época, isso em pleno janeiro aqui em Blumenau, então arrumamos uma chapa de 2 metros por um metro, de aço e nós tocávamos fogo em baixo dela e jogava os tacos em cima para aquele pinche derreter depois tirávamos, raspava numa quina de ferro, não tinha nem luva para pegar os tacos, nos queimamos muito, principalmente nas mãos. E naquela época nós trabalhávamos às vezes das 5 ou 6 horas da manhã até as 10 horas da noite, o horário normal era até as 5 horas da tarde, ou seja, limpando os tacos. Nós tínhamos que selecionar porque um era mais fino, outro é mais baixo, tinha que ser quase tudo na mesma altura, e aqui nós começávamos a colar às 6 horas da tarde e colávamos até as 10, 11 horas da noite. Foi uns três meses: Janeiro, fevereiro e março, nós trabalhamos, muito porque o serviço era todo manual, além disso a FURB não tinha nem dinheiro para comprar os tacos, na época também não existia nem seguro, porque se tivesse seguro, o seguro tinha pago,

esse seguro foi começado a pagar bem depois eu acho. Essa foi uma época, na minha opinião mais cruel que trabalhamos.

B.S.R.: Os tacos são esses de hoje ainda?

W.H.R.: São. É porque na enchente de 84, foi muita água, mas aí nós colamos os tacos mas não foi com pinche, foi com cola branca, e essa cola branca não solta tão fácil, e o pinche é que soltava, o pinche estufava e o taco subia. Na enchente de 84 nós salvamos tudo, só ficou o taco mesmo, até as portas aqui debaixo do bloco G nós arrancamos todas, nós viemos aqui de madrugada quando a água começou a subir, e era um espírito de união, tanto que eu fiquei 7 dias aqui dentro, na época da enchente em agosto de 84. Conseguimos arrancar tudo, a cantina conseguimos desmontar ela toda, trouxemos tudo para cima, nós tínhamos feito aqueles balcões, hoje já estão mudados mas aqueles balcão antigos eram novos, estavam ali 2, 3 meses. Conseguimos arrancar tudo e trazer aqui para cima, nós ajudamos muita gente aqui em 84 na enchente, ajudamos várias pessoas, e nós tínhamos canoa, e nós ficamos 7 dias aqui dentro...

B.S.R.: Quem é que veio?

W.H.R.: Na enchente? Olha, era eu, o Dico, meu irmão, o Neni estava aqui também, o Isaías, o Pisculo que eles chamavam, nem sei mais o nome dele, o apelido dele era Pisculo, o Toninho, o Marcos, que hoje está trabalhando no departamento de Computação, o Bicudo, que hoje também não lembro o nome dele, era pintor, tinha o professor Braúlio que ficava aqui, o falecido Armim, o Carlos, o seu Afonso, também, mas não ficavam aqui direto, vinha aqui e voltava para casa. O professor Braúlio também, nós fomos buscar ele de canoa, e que eu me lembro eram esses.

B.S.R.: E como é que era a alimentação?

W.H.R.: A alimentação foi farta.

B.S.R.: É, e tinha cachaça? Tinha cachaça. (RISOS).

W.H.R.: Tinha. Com certeza, a cachaça até foi um caso engraçado, havia um homem que tinha um bar aqui em baixo, e um pouquinho antes da enchente ele pediu para nós, se guardássemos as bebidas, quer dizer pediu pro falecido Armim, e era uns 20 litros de bebida, whisky, campari e de tudo que se imaginasse, e botaram, na época era a Z-11, que hoje é o arquivo, onde é o teu arquivo, ali era o depósito nosso, do DAC, então ali nós tínhamos as partes de pintura e tudo e botaram a bebida ali dentro, e nós fomos dormir ali dentro, e toda noite nós tomávamos um ou dois litros do homem, no final quando acabou a enchente não tinha mais um litro, tomamos todos os litro dele, ele ficou meio bravo, até ameaçou de cobrar mas o Armim falou com ele, não sei se o falecido Armin acertou, porque vimos ali e ninguém disse que não podia tomar, nós tínhamos o plantão, então uma turma ia dormir à noite e outra turma ia dormir de dia, para de noite ficar gente andando.

B.S.R.: Porque tinha todos os equipamentos da universidade, tinha as coisas da universidade e não podia deixar assim a vontade?

W.H.R.: E o seu Lívio conseguiu na época eu não sei como até hoje, um rabicho, ele laçou um cabo de alta tensão não sei o que e aqui nós não ficamos sem energia aqui dentro da FURB. Nós tínhamos energia, e a comida, nós tínhamos os *freezers* da cantina cheios de comida, era galinha, queijo presunto, pão ... Nós fomos para o Chapéu de Palha dia de semana durante o dia, nós assávamos galinha lá, era uma festa, era galinha com queijo e presunto, e nós éramos obrigados a comer, porque não sabíamos quanto tempo íamos ficar, e se ficasse muito tempo ia estragar, ia ter que jogar tudo fora, a bebida também, porque tinha a cantina e éramos responsáveis, na época se vendia cerveja. Então nós entrávamos de canoa ali dentro da cantina, e também outro fato é que nós fomos de canoa aqui pela Antônio da Veiga, não sei se vocês chegaram a ver quando na enchente aqui a canoa passava por cima daqueles fios que cruza no meio da

estrada. Passava-mos lá no depósito da Antártica, também que é ali atrás do posto, aquilo era aquelas garrafas para todo lado, tinha aquelas telas, mas estava um tantinho assim, porque elas bóiam, para fugir então nós passávamos de canoa fazendo onda, para ver se as garrafas pulavam, vê se a onda levantava para gente poder pega-las, e o guarda lá de dentro com o revólver, mas nunca ia atirar em nós. fomos de canoa daqui até a Marechal Deodoro, que era a casa onde nós morávamos que pegou enchente, nós entrávamos de canoa dentro dela.

B.S.R.: Dentro da casa?

W.H.R.: Dentro da varanda da casa, lá onde nós morávamos pegou 1.75 m de água, mas a casa ainda era levantada, vamos dizer, um meio metro do chão, então se ela fosse reta ia pegar bem mais, e lá era um dos primeiros lugares que pegava água. A Antônio da Veiga e aquela Marechal Deodoro lá no começo, é baixo lá. E a gente ia na casa do falecido Armim, passava na Marechal Deodoro, ele morava no segundo andar de um apartamento, no apartamento dele não pegou. no fundo a enchente virava uma festa, quando todo mundo vinha para cá não queria ir embora, porque aqui tinha de tudo.

B.S.R.: Em casa ia ficar isolado.

W.H.R.: É. nós na época ainda era-mos solteiros, se fosse uma pessoa casada tudo bem, até tem a preocupação da mulher e filhos, Mas não tínhamos, a maioria do pessoal que estava aqui, a não ser o Armim, o Braúlio, e o Afonso e eu acho que o Carlos também já era casado, o restante eram todos solteiros. nós vínhamos aí, e na época não se tinha nem o cuidado de leptospirose essas coisas aí, que isso veio depois, que quando a água começou a baixar, nós metemos as vassouras aqui em baixo quando a água saiu da FURB não tinha mais lodo, que nós fomos varrendo, e logo que veio a água nós metemos os hidrantes, era uma turma boa na hora da festa, mas era também uma turma unida, que pegava mesmo. Vê que nós arrancamos tudo aqui em baixo, porta, tudo

marcadinha e dois três dias depois também estava tudo no lugar, se era para trabalhar à noite, trabalhava, se era para vim de madrugada vinha, e vê a dificuldade. Hoje é fácil para tu reunir 50 pessoas aqui, porque a maioria tem carro, e telefone, . Na época quem tinha telefone, no DAC dos homens era o falecido Armim e o Carlos que tinham , os outros não tinha carro. Hoje no DAC e vê quem não tem carro, duvido que tenha mais que 4, 5 pessoa que não tem carro. E na época a dificuldade nossa de vim, então nós pegávamos o jipão, a FURB tinha um jipão, pegava aquele jipão e saía por aí recolher a turma de Indaial, que era o Piscula o Toninho e o Isafas, o Marcos também acho que veio, é o Marcos também estava, que era o irmão do Isafas, vieram de ônibus, conseguiram passar, saíram de madrugada, o seu Pedro, e era obrigado a ficar, porque não tinha como ir embora. Por isso que eu digo, a dificuldade que era e o pessoal por si só já sabia que tinha que vir para ajudar. Hoje talvez até teria o mesmo espírito, tanto que a de 90 eu estava na contabilidade, tiramos todas as carteiras aqui, que depois a enchente foi em 93, e não chegou a entrar, mas eu também vim ali, cheguei de madrugada, eu já tinha carro em 93, peguei o Natal o Toninho, o Devair também veio, nós viemos e ajudamos. Mas estava quem, a turma do DAC, nem estava todo mundo, muitos que poderiam ter vindo não vieram, Não era mais aquele mesmo espírito. Primeiro não se chamava, só se avisava, quando foi o problema de que ia dar a enchente, mas quando levantou nós estávamos tudo aqui, tiramos todas as carteiras, salvamos as portas, só ficou mesmo a estrutura. E ficamos 7 dias aqui trancados, olha, é uma tristeza na enchente. a gente saiu no último dia em que baixou a água, saímos aqui pela rua São Paulo, é uma tristeza ver o que o pessoal jogam fora de coisa , perde tudo, muita gente não está preparada, nós fomos numa casa de uma senhora que é aqui na transversal da rua São Paulo, ela mora numa casa desse tipo xainel e nós passamos geladeira, fogão, tudo para um buraco que ela tem no forro, botamos tudo no forro, e

dois dias depois nós passamos de canoa lá só via a cobertura. Quer dizer, não adiantou se levantar, foi tudo, molhou tudo, no final virava uma alegria, mas vou fazer o quê, rir da desgraça dos outros, nós passamos lá só estava a cumeirinha da casa de fora, nós quase se matamos para erguer a geladeira, porque tu tinhas que erguer reto e quem estava lá tinha que puxar ela, é diferente de você carregar uma geladeira, e no final não adiantou de nada a gente levantar. Agora aqui não, aqui adiantou porque a enchente só pegou no 1º piso, não chegou a cobrir, não chegou a dar 2 metros dentro da FURB, que ela não chegou a cobrir a porta.

B.S.R.: Que a parte mais baixa é aquela lá.

W.H.R.: É. Entra, lá na cantina é que mais entrava, que o terreno vem subindo.

B.S.R.: Tinha que lavar roupa...

W.H.R.: A não, não tinha muito como roupa, não tinha água.

B.S.R.: Ah, não tinha água. Nem poço nada aqui dentro?

W.H.R.: Nós tínhamos um depósito de água, só que banho só uma vez foi permitido tomar, dos sete dias. Porque nós tínhamos 7 caixas de água de mil litros lá em cima no complexo, então aquelas eram as únicas, porque aqui em baixo era tudo caixinha de, que era direto da rede, então quando cortou a água ficamos tudo sem água.

B.S.R.: Mas a FURB não tem um poço artesiano.

W.H.R.: Não, poço artesiano não, a maioria agora tem caixas nos blocos, mas são tudo caixas de mil litros, se terminar a água da rede é coisa de 5,10 minutos ficaríamos sem água.

B.S.R.: Quer dizer que essa água das caixas não é de poço artesiano?

W.H.R.: Não, tudo da rede.

B.S.R.: Porque ao mesmo tempo que lá era usado pelos maconheiros, era usado como motel também...

W.H.R.: É. Eu particularmente nunca vi ninguém ali dentro. Mas era a má fama, porque fomos La e La e era muito "pinchado", os guardas que diziam, porque lá em cima no complexo era muito usado, era um estacionamento de carro de noite. Na época não tinha guarda, porque não tinha nada, só tinha aquela rua lá. até que a FURB começou, construir e botou guarda noturno, foi construído o ginásio, mas antes disso tinha o Chapéu de Palha, varias vezes assaltado, depois também era lá que a turmas iam, aquilo era um sobe e desce de carro lá. Escuro! Aquilo era um lugarzinho adequado para quem gostasse.

B.S.R.: Não tinha portão.

W.H.R.: Não tinha nada, portão foi botado agora esse ano eu acho, ou final do ano passado.

B.S.R.: Ele controlava as coisas da FURB.

W.H.R.: Da FURB, se estacionasse um carro lá em cima ninguém ia, porque na época não tinha nada. O Chapéu de Palha foi construído em 84, e a entrada, eu e meus irmãos que fizemos, o piso nós rebocamos numa noite de chuva, alisamos o piso molhado, porque dois dias depois ia ter festa. E com esta festa, descascou tudo, virou uma bagunça. Mas ali deu algumas festas boas naquele Chapéu de Palha, era Chapéu de Palha porque era coberto de palha mesmo, por isso que o nome ficou Chapéu de Palha, e foi feito pelo Cezar, um carpinteiro muito bom que a FURB teve.

B.S.R.: O Chapéu?

W.H.R.: É, a madeira foi feita por ele. Ele era um gaitero de mão cheia, gaitero e violeiro. Foi para rua da FURB por uma besteira, porque ele e o Adilson, que era marceneiro e carpinteiro também. E bateram o jipe no IPT, o falecido Armim queria saber quem bateu, e os dois não contaram, um começou a esconder do outro, ficaram com medo. Até me lembro bem um dia que nós estávamos ali no bar do Zé carreteiro,

que eles dizem, que inclusive esse bar é do falecido Zé, que é pai do Aurélio nosso funcionário, e o Zé que era o dono ali, o Aurélio lembra bem porque ele trabalhava ali, era gurizinho e trabalhava de garçom. E aí o falecido Armim disse "Olha eu só quero saber quem bateu o jipe, não vai ter penalidade nenhuma..." e o Cézar disse que não sabia, não sabia e no outro dia a Dina que trabalhava de servente contou para o falecido Armim, que quem tinha batido o jipe tinha sido o Adilson, só que o Cézar escondeu e por isso o Armim demitiu ele, demitiu não, porque...

B.S.R.: Tem essa cultura local que...

W.H.R.: É e o Armim é como eu disse, um cara muito bom, mas também era muito, muito certinho. Isso foi uma falsidade para ele, e ele não perdoava essas coisas que o ofendesse ... Dentro do campo, ele gostava muito de jogar futebol, dentro do campo, quantas vezes ele chegou a dizer, "amanhã", o cara brigava com ele, "amanhã tu está na rua", "vou te demitir", aquele espírito de vingança dentro do campo, só que a hora que ele saía, pronto, ele esquecia aquilo, mas quando era no serviço não tinha perdão.

B.S.R.: É porque elas são contratadas pelo DAE, são bolsistas do DAE, trabalham comigo ...

W.H.R.: É só que o Armim era do DAC.

B.S.R.: Só que eu digo para elas, minha pressão com elas é essa, quando elas fazem alguma coisa que eu não gosto, eu digo, pode passar lá no DAE.

W.H.R.: Ah, pode voltar lá para o DAE. E o Armim nesse ponto, no futebol, tanto que alguma briga, e talvez se vocês entrevistarem o Armim ele tinha muitos inimigos aqui dentro, porque ele era muito, como eu disse, ele era aquele brigador, pelo setor, por ele, pelas coisas que ele defendia, tanto que ele saiu daqui porque ele e o professor Tafner não se bicavam de jeito nenhum, ele era muito amigo do...

B.S.R.: Ah, ele não saiu por...

W.H.R.: Não, ele saiu daqui por causa de política, porque o professor Braulio perdeu a eleição de 86, que foi eleição, assumiu em 87 se não me engano o Tafner assumiu, então o professor Braulio que era candidato dele perdeu e o professor Tafner ganhou. E ele e o professor Tafner não se bicavam de jeito nenhum, então ele pediu demissão e foi trabalhar na Volvo em Curitiba, e lá também ele estava bem, até dar câncer no pulmão e morreu novo também, morreu com 44 anos, não resistiu ao câncer. Mas ele era muito certo, eu sempre adorava trabalhar com ele, mas era aquele estilo, ele sempre dizia, a gente saía por aí nas festas, a gente fazia umas bagunças, e ele chegava em casa às 2, 3 horas da manhã com ele, ele só dizia, "se chegar depois do chefe amanhã está na rua!" mas nós sabíamos que ele chegava tarde, só que eu graças a Deus nunca cheguei tarde por festa por nada, até digo eu nunca perdi um dia de serviço por uma festa que eu fui, já perdi até por doença, e aí ele sempre dizia "chegar depois do chefe está na rua", mas sabia que ele no outro dia vinha as 10 horas, ele era também professor, e ele não tinha 40 horas no DAC como nós, mas ele era assim mesmo. Se ele descobrisse que alguém faltou por uma festa, mesmo que tu viesse com ele, não tinha perdão. Ele era de confiar também nas pessoas, vamos dizer, se ele confiasse em ti, plenamente e tu dissesse "olha aquele cara está fazendo isso errado", ele não ia muito conferir, tirar teima, ele era cego na confiança. Aí demitia, muitas pessoas que foram demitidas por esses tipos, por não se bicar com a pessoa que às vezes era braço direito dele, e não aceitar que essa pessoa mandasse, que foram mesmo não tinha perdão, eram demitidos, e não se discutia, na época se levava para reitoria, ou direto no RH e tirava o cartão.

B.S.R.: Era a forma de administrar da época.

W.H.R.: É que hoje criou estabilidade, talvez muitos se acomodaram, na época não, fez coisa errada, qualquer coisa que tivesse, muita gente foi, como o Cézar foi demitido, na época nós até falamos para ele, que eu graças a Deus me dei muito bem com o Armim.

Mas, pô o homem me demitiu ontem, não confiou em mim também, me demitiu, e o homem era um carpinteiro de mão cheia, e além de que era o gaiteiro, era o homem que animava as nossas festas.

B.S.R.: Ele tinha dupla função.

W.H.R.: Dupla, ele e o César tocava violão e gaita, e na época nós fomos jogar futebol, o time do Armim dava a Kombi para nós, nós fomos para Ilhota, aqui na Vila Itoupava, fomos algumas vezes, então nós fomos com a Kombi azul que a FURB tinha, e o César só para levar a gaita e fazer bagunça, e aí se nós perdesse o futebol, nós ficávamos lá fazendo festa com o pessoal, e daí foi para rua! Muitos desses foram para rua e muita gente estão aí. É que nem o Adilson foi para rua também, o Adilson pediu demissão, inclusive o Adilson foi envolvido em drogas, foi até preso, o Piscula, o Isafas, também, o Toninho saiu e voltou. Mas era um pessoal muito unido, e se trabalhava muito naquela época, pode perguntar para o pessoal mais antigo que trabalhava no braçal, naquela época se trabalhava.

B.S.R.: E as construções que se ...

W.H.R.: Tudo, tudo, tudo, a não ser os blocos, agora não era tudo, essas tubulações que tem aí, tu não vê mais subir, os canos que foi passado, a fiação... teve uma vez que eu peguei insolação aqui nesse telhado, fiquei 2, ou 3 dias em casa, em janeiro nós trabalhávamos em cima desse telhado, que era de derreter, como se dizia, e aí eu não estava acostumado com o sol, foi logo no começo, deu insolação, aquela doença ficar uns 3 dias de cama. Que além de trabalhar lá em cima, nós trabalhávamos no forro, puxando cabo, foram dadas essas entradas. A FURB era bem diferente, bem menor também, em 84 tinha só esses blocos aqui também, não tinha biblioteca, não tinha nenhum dos dois ginásios, o IPT ainda os trilhos de trem entravam lá dentro, só tinha o Bloco onde é o LCC, aquilo lá era um depósito de trem, tinha os trilhos ali dentro, tanto

que lá compramos um pouco daqueles trilhos, compramos e foi usado para fazer estaqueamento da biblioteca.

B.S.R.: Esse estaqueamento de agora ou estaqueamento da primeira.

W.H.R.: Da primeira também, da primeira fase. Esses ali foram comprados, esses de agora, e da primeira foi pego lá no IPT, um pouco foi comprado. No IPT não tinha nada, tinha um galpãozão, e hoje Deus me livre, ela deu um salto grande na época do professor Celso, do Arlindo, professor Arlindo que eu me lembre construiu a biblioteca, a biblioteca e mais alguma coisa no IPT, e na época também tinha Gaspar, Gaspar era ativado, eles vendiam verdura para os funcionários onde é o xerox, aquela salinha ali era vendido verdura, ovo, tinha tudo, vaca, porco. Tinha a escola técnica da ETEVI que os alunos iam para lá estudar.

B.S.R.: A escola agrícola era lá.

W.H.R.: Era a aula prática. Lá tinha de tudo, granja de galinha poedeira, tudo...

B.S.R.: Tu passou por vários tipos de administração na universidade, Prof. Arlindo, Prof. Tafner, Prof. Celso, Prof. Mércio, agora com o Egon. Quando é que foi melhor, quando é que foi pior? É assim, mais difícil de trabalhar ... Não estou falando assim quem era o melhor reitor, isso, não é isso, isso é juízo, isso é diferente, mas para o trabalho, nas condições de trabalho, o salário...

W.H.R.: Eu vou dizer uma coisa, eu acho que o salário do servidor deu um salto na gestão do professor Celso, e continuou na gestão do professor Mércio, agora para eu dizer, a cada ano foi melhorando. Uma porque, na época que eu entrei na contabilidade, nós tínhamos bem dizer um esquema, se eu começar na contabilidade, que bom, como eu falei do DAC não existia nada, era tudo manual, ou o que não era manual era datilografado, e eu tinha um problema que a minha caligrafia não era das melhores, e eu tinha que escrever as requisições. Era um problema desgraçado, ia para Marguit e a

Marguit não entendia, tinha que voltar, e não tinha como datilografar, porque eram aqueles blocos, não tinha como datilografar numa folha, então eu tinha que escrever . Tinha que ir lá com a Marguit para traduzir.

B.S.R.: Precisava de tradução?

W.H.R.: É porque a minha letra nunca foi das melhores, eu nunca fui muito caprichoso com essas coisas. E aí quando eu fui para contabilidade, também existia um sistema, que a FURB comprou o Bull em 1988, em final de 88, o sistema que tinha era daquele antigo, SP 500, era uma dificuldade para trabalhar na contabilidade, e a medida que foi passando foi melhorando. Então se eu falar na gestão tal foi melhor, eu acho que se falar em salário, começou a melhorar, tanto que também o professor Tafner não tinha muito o que fazer, porque assumiu muitas dívidas que ficaram, então teve muitas dificuldade na época, mas ele construiu também, o professor Tafner era muito centralizador, desde e a época, isso todo mundo sabe, e o professor Celso já abriu a coisa, começou a delegar. Delegou para o professor Mércio, e o professor Mércio por sua vez já delegou para gente. E aí os sistemas foram melhorando, a informática foi avançando, e aí veio a gestão do professor Mércio foi melhor ainda para trabalhar, vamos dizer, os programas começaram a melhorar mais, não da para dizer, essa gestão foi melhor, ou pior, graças a Deus o relacionamento com a reitoria, sempre foi bom, na época do DAC eu tinha pouco contato com reitor, depois na contabilidade fui tendo, com pró-reitor e reitor. Nunca tive dificuldade para trabalhar, eu acho que cada ano vai ficar melhor, cada ano vai evoluindo mais. E com relação ao salário eu tenho plena convicção que foi na época do professor Celso que começou a melhorar, não digo que antes era tão ruim, mais não era tão bom quanto foi na época do professor Celso e do professor Mércio também, ele continuou, no que ele pode. E talvez também a própria estabilidade e a forma de administrar, eram cabeças diferentes, não que o professor Tafner, não soubesse, mas ele,

talvez, pela muita centralização que ele tinha, talvez não se preocupasse com o que deveria se preocupar, tanto que o professor Arlindo quando saiu, ele construiu a reitoria ali onde é o bloco A, ali onde é a sala de reuniões, é uma reitoria ficou bonita, sala de reunião e tudo, a primeira coisa que o professor Tafner fez foi desmanchar tudo. Ele queria ficar ali em baixo, voltou para onde é até hoje e aquela porta estava toda vida aberta, e ele discutia e eu lembro que o Carlos até reclamava, às vezes ele discutia problema de servente, de faltar no outro dia, quer dizer, não sei se teria sentido nesse ponto, era tudo com ele, e o professor Celso já delegou mais, fica mais fácil, fica mais fácil para quem administra e pra quem trabalha, que qualquer coisinha tens que ir levar para o reitor ou pró-reitor, se tens uma certa autonomia dentro da tua competência podes decidir, e isso faltou. Professor celso se deu bem na gestão dele porque ele tinha a disposição dele o dinheiro do fundo, quer dizer que o dinheiro que a FURB começou a guardar a partir de 93, ele pagou para o fundo só em 95, uma coisa assim. Então para o professor Celso ficou um tempo assim que ele podia administrar aquele dinheiro, e ele onde levou sorte, aí pode, na época que faltava tinha ali, não precisou ir ao banco. E a relação de trabalho, vai melhorar a cada ano, principalmente nas áreas de administração, porque a informática vai melhorando e conseqüentemente o teu serviço também, tu vai tendo mais tempo para pensar. Que de início era trabalhar, eu me lembro quando eu entrei na contabilidade, nós trabalhávamos aí até nove dez horas da noite, quase todo dia, quantas vezes o Vicente vinha lá e nós estávamos trabalhando, porque o Vicente na época trabalhava na parte de patrimônio, ele chegava lá oito, nove horas da noite, dizia, parem de trabalhar, vocês já estão trabalhando demais". Muitas vezes, não se ganhava hora extra também, o máximo que eles te davam era um dia de folga, e era tudo manual, por exemplo só para ter uma idéia, para fazer uma conciliação bancária era manual, então no final se via tanto numero na tua frente, que embaralhava, chegava

em casa, aquilo parecia que estava tudo na cabeça. E hoje em dia muitas coisas dessas é automático, dispara o programa ele faz. então se tem mais tempo para pensar, para melhorar, para fazer calculo de custo, hoje em dia já está se fazendo cálculo de custo quando o curso é implantado, na época não, há vinte crédito é vinte crédito, é vinte cinco é vinte e cinco, mas muitos cursos que tem até hoje na FURB não tem um cálculo de quanto realmente custa, será que com vinte créditos ele se paga? Ou ele está dando prejuízo e os outros estão cobrindo ele? Não se tem esse calculo, de muitos cursos não se tem, porque nunca foi feito. Então hoje não se mexe mais porque vai mexer num história, e hoje nós já estamos fazendo, por exemplo em farmácia já foi feito um calculo, a própria fisioterapia acho que já foi feito, odontologia, medicina foi calculado, esses já foram calculados, os cursos de laboratório, divisão de turma que precisa ter. Porque senão o curso desses é implantado e os outros começam a pagar por ele.

B.S.R.: Esses cursos tem custos altos ...

W.H.R.: Muito alto, muito, muita divisão de turma, divisão de turma custa caro para manter, porque é mais quatro horas para um professor, mais quatro para outro professor e isso tem que se diluído para o aluno pagar. e o aluno às vezes acham que quatro horas é quatro créditos, mas não é essa comparação. Porque a hora do professor é igual a quatro créditos.

B.S.R.: E coisas engraçadas?

W.H.R.: Ah! O que mais tinha de engraçado na época era essas festas.

B.S.R.: E a relação hoje do pessoal que trabalha comigo, no teu trabalho, como é, é a contabilidade da universidade, patrimônio...?

W.H.R.: É, contabilidade e patrimônio.

B.S.R.: Segurança também?

W.H.R.: Não, segurança é encarregado do DAC, a parte contábil, eja desde emissão de empenho, todo lançamento de caixa, os tombamentos, controle de manutenção dos equipamentos isso fica conosco, a parte de segurança que tange a extintores, a gente está ainda responsável, mas a segurança pessoal, é com o DAC, E o relacionamento no meu setor eu acho bom, ele poderia melhorar, tem algumas coisas ali que a gente está tentando melhorar, mas em si é bom, entre os funcionários o relacionamento também é bom, não tem o que reclamar. Tem algumas coisas, sempre tem uns probleminhas, mas que no dia a dia se, vai corrigindo, não tenho o que reclamar dos funcionários e não sei se eles tem alguma coisa a reclamar de mim, mas acredito que não também. Agora coisas engraçadas Balbino eu não lembro .

B.S.R.: Nessas festas do DAC, tinha mais o pessoal do DAC, mais o pessoal da área técnica da universidade, que músicas que tocavam?

W.H.R.: Só música sertaneja. Era difícil tocar na época se dizia tocar uma discoteca, tocar uma musica lenta, era xote e vaneirão, que se tocava na época, e dançava todo mundo com todo mundo.

B.S.R.: E vocês todos participavam dessas festas?

W.H.R.: Muito pouco, é como eu disse a maioria era o tempo integral, e olha na época da oktober, aqui logo no começo, porque a oktober foi criada em 84, até eu brincava dizia que a oktober foi criada quando eu vim para Blumenau, por causa de mim. E naquela época eu cheguei a ir com o pessoal ali da cantina os dezessete dias nós íamos. Porque eu morava na casa do Afonso que é na Marechal Deodoro, dá uns 700, 800 metros da PROEB em direção a João Pessoa, eu saia daqui 09: horas, 10: horas, às vezes oito e meia, o pessoal que largavam iam todos para lá fazer bagunça. Tinha a Charlene a Lucia, a gente era bem amigo do pessoal e eles eram muito festeiros, esse pessoal da cantina mesmo, olha era de festa. E eu como morava ali do lado eu cheguei

no primeiro ano, não sei se foi no primeiro ou no segundo, eu fui os dezessete dias na festa, era todo dia festa a gente ia muito na casa da Lúcia e da Charlene, mas tinha amizade mesmo, até tinha uns namorico às vezes, mas aqui dentro não, com as amigas delas tinha e todo final de semana tinha um baile, quando não tinha festa aqui nós fazíamos festa fora, era toda vida a turma da FURB entende. Eu mesmo morei na Alameda e nunca me dei bem na Alameda, eu morava na Alameda, que era o centro, hoje já não é mais tanto, mas na época em 86 queria namorar ia todo mundo para Alameda, era aquelas mulherada e carro e homem também, com o Osvaldo, com o Toninho, com a Lucia, com a Charlene, éramos mais do bailão.

B.S.R.: Eu não tenho mais coisas para perguntar.

A.F.: Se lembrar de alguma coisa engraçada, pode nos convidar que a gente vai gravar.

B.S.R.: Bom, porque a gente lembra depois de conversar, nada maldoso mais essas coisas naturalmente engraçadas, por exemplo se alguém fosse contar aquela história da dona Landa que desceu desse barranco a fora, mas ela mesma contando é engraçado. É uma parte anedótica da universidade, tem muita coisa quando como o Tafner construiu os prédios lá de cima, por exemplo ele foi derrubando a mata de trás para frente, sem o professor Bacca ver, e o Bacca não sabia onde que era aquele barulho de moto cerra e ele olhava, olhava e via toda mata inteira lá em cima.

W.H.R.: E se cortava geralmente de madrugada, logo no clarear do dia que as motocerras começavam lá em cima, foi começado lá onde é o campo mesmo para cá. Então quando os ambientalistas viram só tinha mais essa pontinha de mato, a moto cerra pegava de madrugada ali e eu ajudei a recolher lenha, nós recolhíamos a madeira aqui em baixo que eles jogavam para baixo. se tirava a madeira, e o que tinha daquela formiga de madeira que onde ela morde ela corta mesmo, do ferrão, o que levamos de mordida de formiga ali ela vem dentro da madeira oca, quando se bate aquilo

desmancha e ela espalha por tudo, na época não existia luva, tu não via uma servente com luva no banheiro, ou um pedreiro trabalhando com uma luva, na época era tudo na mão mesmo tudo manual. hoje todo mundo trabalha de luva, as próprias serventes na época não. na época em 84 não existia AIDS, a AIDS quando é que se começou a falar foi de 86, 87 para cá, está aí a 11, 12 anos falando, na época não se falava, podia até existir mas então não se tinha esse cuidado no relacionamento, no trabalho.

B.S.R.: É nem só a AIDS mas o pessoal que limpava o banheiro, o pessoal que pegava nas outras coisas, coisa de higiene mesmo, varias outras coisas...

W.H.R.: Muita coisa aconteceu, e também para lembrar é que, que também é muito tempo, porque depois que fui para o escritório mudou muito, o divertido era quando trabalhava com o pessoal do DAC. Foi uma época muito boa, não que hoje eu não esteja contente onde eu estou, mas foi muito naquela época.

B.S.R.: Vai voltar a trocar cortina...

W.H.R.: Talvez um dia eu volte, como chefe ainda. (risos) Pode ser... hoje em dia não faço mais nada de pedreiro, mas eu trabalhei muitos anos de pedreiro. Trabalhei lá em Rio do Campo 6 ou 7 anos de pedreiro e aqui também, sabia fazer tudo lá, muito pesado e lá em Rio do Campo eu trabalhei muito, me danei algum pouco, aqui não tanto, que aqui o serviço não foi tão pesado, não era tanto construção, era coisas pequenas, mas lá a gente trabalhou muito. Trabalhei algum pouco na minha vida. Mas se eu me lembrar de alguma coisa, que eu puder ajudar.

B.S.R.: Daí a gente marca contigo de novo.

W.H.R.: Tranquilo, agora não me lembro, vem na hora, às vezes até conversando com alguém daquela época, oh, aconteceu isso.

B.S.R.: Talvez juntar você, o Carlos, o Erasmo, e a Marguit que são pessoas que, o Roberto, pessoas assim ...

W.H.R.: Que talvez vá sair alguma, ou talvez numa conversa com alguém vai dizer mas o Teixeira deve se lembrar daquilo lá, daí às vezes é tanta coisa que às vezes não foi uma coisa que marcou, porque o que mais se grava é o que marca, ou bem ou mal, Às vezes é uma coisinha boba que como tu diz contado por uma outra pessoa não teria sentido nenhum e contado por alguém que passou, teria .


B.S.R.: Tudo bem. Obrigado.

TERMO DE DOAÇÃO

Pelo presente documento, eu WALCIR HERMÍNIO REZENDE, cedo ao CEMU - Centro de Memória Universitária, da Universidade Regional de Blumenau, todos os direitos de uso e divulgação que me corresponderem, do conteúdo de gravação em fita de vídeo, em fita magnética e transcrição literal, em documentos anexos e por mim rubricados, concedida aos integrantes do "Projeto Universidade Regional de Blumenau e sua História", Balbino Simor Rocha, Clarice Ehmke e Andreia Ferretti, em data de quatorze de junho de um mil novecentos noventa e nove, na cidade de Blumenau, composto de fita de vídeo, fita cassete e transcrição literal.

Declaro também que, pela natureza do trabalho apresentado, o conteúdo das gravações pode ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data.

Blumenau, 06 de JUNHO de 2001.



WALCIR HERMÍNIO REZENDE
Entrevistado e doador

Testemunha